

**A identidade gaúcha em Coxim – Mato Grosso do Sul:  
o migrante gaúcho de outsiders a estabelecidos**

**CACILDO ALVES NASCIMENTO\***

**ELY BERGO DE CARVALHO\*\***

Nessa exposição será abordada a temática dos gaúchos em Coxim e a formação/manutenção da identidade a partir do movimento migratório do Rio Grande Sul para a região Centro Oeste, sobretudo a partir da década de 1970.

A discussão far-se-á, primeiramente, através de uma exposição do perfil social dos gaúchos que migraram em dois momentos: pré-década de 1970, no contexto da Marcha para o Oeste, e pós-década de 1970, momento da abertura da nova fronteira agrícola por parte dos governos militares, no qual se buscou estabelecer o (re)povoamento da região.

Para entender o processo de migração para o Centro-Oeste é necessário voltarmos às primeiras décadas do século XX no Rio Grande do Sul, pois esse é o período que,

[...] corresponde à etapa da modernização das relações sociais de produção no Rio Grande do Sul (...) é preciso neste ponto explicitar que se entende por modernização o processo de avanço do capitalismo na sociedade gaúcha, que promove um rearranjo paulatino e desigual, das atividades produtivas e das relações a elas subjacentes (SOUZA, 2001: 29).

Essa expansão capitalista e o crescimento econômico no Rio Grande do Sul refletiram nas mudanças sociais no estado, com o desenvolvimento da indústria. Amplia-se, a partir de então os conflitos agrários na região, pois o *“incremento populacional registrado nas colônias mais antigas, aliado à escassez crescente de terras cultiváveis, propiciaram o surgimento de inúmeros conflitos no campo”*. (SOUZA, 2001: 30)

---

\* Graduado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT E-mail: cacanasascimento@hotmail.com

\*\* Professor adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: carvalho2010@yahoo.com.br

Nota-se que o gaúcho retirante é aquele de regiões de conflitos agrários e tem uma tradição rural da pequena propriedade. Nos trabalhos de SOUZA, sobre os gaúchos em Roraima, essa característica é perceptível:

[...] aumento de população conjugado aos constantes fracionamentos da terra conduziu a uma ‘pauperização’ do agricultor. Este adota como saídas, principalmente, a ida para as cidades, abandonando assim o seu modo de vida; a venda temporária de sua força de trabalho à lavoura empresarial; ou a procura de outras oportunidades, traduzida na busca por novas terras (SOUZA, 2001:30).

Essa pauperização apresentada por Sousa é notável nas quinze entrevistas realizadas com gaúchos migrantes que se estabeleceram em Coxim. Muito deles, quando interrogados sobre os motivos que os trouxeram a cidade de Coxim, responderam que vieram “*motivado pelas oportunidades de trabalho, pois Coxim na época era terra de oportunidades, hoje não é mais*”<sup>1</sup>.

Por conseguinte, é possível perceber que a intenção do gaúcho é permanecer agricultor, ter trabalho, preservar e reproduzir o seu modo de vida em outra região, como é caso do Centro-Oeste brasileiro. Portanto, o gaúcho migra, em geral, a partir de uma necessidade de sobrevivência, uma vez que no Rio Grande do Sul o espaço físico estava se reduzindo paulatinamente, ao contrário dos “sertões” mais ao norte do país, que ainda não tinham terras “livres”.

A principal política de colonização territorial de Getúlio Vargas foi a “Marcha para o Oeste”, que era a política de ocupação e nacionalização das fronteiras do país, sobretudo na região Centro-Oeste brasileiro. A partir de 1930 Vargas incentiva a migração interna a fim de conter a organização de imigrantes em grandes centros urbanos e fazê-los com que se integrassem à identidade nacional, pois segundo Rocha:

O governo de Getúlio Vargas (...) conduziu uma política de colonização orientada pelas migrações internas [...]. Motivado pelo princípio da nacionalidade e de afirmação de uma identidade nacional o governo tomou ‘medidas coercitivas visando atingir as organizações comunitárias étnicas produzidas pela imigração, em nome da tradição de assimilação e mestiçagem demarcadoras da nacionalidade’ (ROCHA, 2006:20)

Para que essa política se consolidasse foram criadas as Colônias Nacionais, como uma tentativa de solucionar os conflitos agrários brasileiros. Em 1945, Vargas

---

<sup>1</sup> D.V., gaúcho e agropecuarista em Coxim – MS. Entrevista 21/03/2009. Entrevistador: Cacildo Alves Nascimento. Coxim – MS: UFMS/CPCX.

busca controlar a ocupação de terras devolutas, pois de acordo com a política governamental, não podiam dar concessões gratuitas da terra e sim vendê-las nem que fosse por preços simbólicos.

O que a política varguista tentou fazer foi à integração regional do Brasil. Nesse sentido, a questão “*a partir de então, passou a ser tratada como uma questão que diz respeito ao desenvolvimento nacional como todo e a ter como linha mestra a expansão das relações capitalistas mediadas pela ação do Estado*” (ROCHA, 2006: 47-48).

O processo de ocupação do cerrado e da Amazônia brasileira foi necessário para a expansão capitalista ou para solucionar problemas gerados pelo próprio capital, já que em regiões como o Sul não havia mais espaço para o desenvolvimento de atividades agrárias, muitos indivíduos acabaram nas cidades, vendendo a sua mão-de-obra na indústria; posteriormente, muito deles vem para o “oeste brasileiro”, a fim de cultivar e produzir, dentro de seu modo de vida tradicional, baseado na pequena produção agrícola.<sup>2</sup>

A partir da década de 1960, com os sucessivos governos militares, surge um novo projeto de colonização do Centro-Oeste e da Amazônia. O tom da política agora é “integrar para não entregar” e novamente o gaúcho tem um papel fundamental nesse momento de (re)ocupação das fronteiras agrícolas brasileiras. Esse processo teve início um pouco antes, nos anos de 1950, com a construção de Brasília, no Planalto Central e vários projetos de colonização foram implantados no Estado de Mato Grosso, segundo Abreu:

*No sul de Mato Grosso é possível citar empresas colonizadoras, como a Companhia Viação São Paulo - Mato Grosso, que atuou em Bataiporã, Anaurilândia e Bataguassu; a Companhia Moura Andrade, que loteou áreas nas altas bacias dos rios Samambaia, São Bento e Inhanduí-Guaçu e a Sociedade de Melhoramento e Colonização (SOMECO), que atuou em Ivinhema e Glória de Dourados, para destacar as mais expressivas. No norte, várias foram as colonizadoras instaladas como Rio Branco e Jaurú, em Cáceres – MT; Colonizadora SINOP S/A, em Aripuanã e Juruena; INDECO, em Aripuanã, nas Glebas de Paranaitá e Alta Floresta; a CODEMAT, também em Aripuanã, entre outras (ABREU, 2003:277)*

A migração incentivada pelo governo central para Mato Grosso a partir da década de 1950 vai trazer gente de todos os rincões do Brasil para a nova fronteira

---

<sup>2</sup> M.K., Agrônomo, gaúcho, empresário e político em Coxim – MS. Entrevista 18/03/2009. Entrevistador: Cacildo Alves Nascimento. Coxim – MS: UFMS/CPCX.

agrícola, que é o nosso objeto de estudo. O processo de colonização nesse período vai tentar solucionar vários problemas brasileiros, pois:

*[...] representaria uma válvula de escape, na medida em que tinha como um dos objetivos, absorverem os excedentes demográficos das áreas rurais mais valorizadas do Sul e Sudeste do país. Ao mesmo tempo, contribuía para preservar a antiga estrutura agrária nacional e esvaziar a discussão em torno da reforma agrária, ao conduzir os trabalhadores rurais sem-terras e/ou expropriados para as terras de ninguém. (ABREU, 2003:279).*

Essa colonização atendia o papel ideológico da classe política brasileira da época, que é omitir a desigualdade da estrutura fundiária regional e nacional e, com isso, conter a exaltação dos conflitos sociais em grandes contingentes demográficos. Dessa forma, buscou-se garantir um exército de reserva formado por pessoas como ex-colonos e ex-agricultores para as empresas colonizadoras que se instalavam na região, com incentivo do governo e mega projetos de exploração do Centro-Oeste. O agrônomo e ex-prefeito municipal, Moacir Kohl, expressou a conjuntura de sua vinda para o sul de Mato Grosso da seguinte forma:

*Na década de 1970, no governo militar de Geisel surgiram vários projetos como o PND, PRODOESTE, PRODEPAN, POLOCENTRO, entre outros, e então vim fazer estágio na região, pois sempre estudei em escola pública, sou filho de colono, e fazia Agronomia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre e vim na efervescência do progresso e logo veio a divisão do Estado. Plantei cana em Sonora, seringa do outro lado do Rio Corrente, aqui era tudo cerrado<sup>3</sup>.*

Nota-se, na entrevista com Moacir Kohl, que o governo conseguiu que a adesão para a sua ideologia por parte do migrante, que tinham de fazer um “Brasil grande” e que essa região era “terra de prosperidade”, e claro era mão-de-obra para o mercado capitalista que estava em plena expansão na região.

O ano de 1973 foi o marco do movimento migratório para o sul de Mato Grosso; as práticas da pecuária e da agricultura estavam em evidências e foi um desafio para os migrantes transformar o cerrado em terras cultiváveis, já que apresentavam características diferentes da sua região de origem. (WEINGARTNER, 2005:38)

Vimos que tanto a Marcha para o Oeste ocorrida a partir de 1930, com Getúlio Vargas, quanto à Nova Fronteira Agrícola, a partir de 1960, com os governos militares

---

<sup>3</sup> M. K., Agrônomo, gaúcho, empresário e político em Coxim – MS. Entrevista 18/03/2009. Entrevistador: Cacildo Alves Nascimento. Coxim – MS: UFMS/CPCX.

tiveram papel fundamental na expansão e consolidação do capitalismo no Brasil. Esse processo vale destacar, também contribuiu para a formação da identidade nacional e de certas identidades regionais.

Na tentativa de análise aqui proposta, buscamos sustentação teórica nas categorizações elaboradas por Norbert Elias. Ao estudar as relações entre grupos humanos, em posições de distinção de poder, Elias elaborou um modelo que será aqui problematizado e tencionado.

Ao tratarmos de questões identitárias a partir de movimentos migratórios como a Marcha para o Oeste e a Nova Fronteira Agrícola, buscaremos *estabelecer a relação da identidade do migrante com aqueles que já estavam fixados* em Coxim e que, a partir de agora, chamaremos de “estabelecidos”. Também tentaremos analisar, com base em Elias, alguns comportamentos sociais desse grupo “de fora” (*outsider*). Segundo Elias:

As categorias estabelecidos e outsiders se definem na relação que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte de ambas estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência.

Superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão são elementos dessa dimensão da vida social que o par estabelecido-outsiders ilumina exemplarmente: as relações de poder. (ELIAS, 2000:08)

O processo de formação da identidade coxinense ou a manutenção da identidade do migrante perpassa por *relações de poder*, que se expressam na análise das entrevistas com os migrantes, realizadas nesse trabalho. Boa parte dos entrevistados entende que: “O estado deve muito a migração, pois a migração trouxe a modernização da agricultura, pecuária, pecuária é mais ligada aos paulistas”.<sup>4</sup> Outro entrevistado assevera:

*o gaúcho contribuiu com a pecuária, a agricultura e a abertura de empresas e também a modernização do campo de modo geral, pois muitas coisas não existiam aqui e com a chegada dos gaúchos passaram a existir como empresas que vende máquinas agrícolas e o próprio setor secundário*<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> M. K., Agrônomo, gaúcho, empresário e político em Coxim – MS. Entrevista 18/03/2009. Entrevistador: Cacildo Alves Nascimento. Coxim – MS: UFMS/CPCX

<sup>5</sup> D. V., gaúcho e agropecuarista em Coxim – MS. Entrevista 21/03/2009. Entrevistador: Cacildo Alves Nascimento. Coxim – MS: UFMS/CPCX.

Esse sentimento de *dívida/cobrança* extrapola, muitas vezes, para outro de superioridade em relação a outros elementos componentes do amalgama social coxinense:

*Os gaúchos que vieram para cá vieram com capital, são especializados na agricultura, pois na minha geração tem 66 netos só 2 não são formados, com nível superior, eu sou agrônomo, meu irmão,(...) é agrônomo, tem outros que são também, outros são veterinários, médicos, dentistas, etc. já os nordestinos são retirantes, não tinham capital, são a maioria analfabeto ou semi-analfabetos, vivem da exploração da terra, pois enquanto a terra dá dando alguma coisa estão lá, como retirada da madeira, são extrativistas<sup>6</sup>.*

O elemento nordestino aparece carregado de estereótipos e estigmatizado, em oposição ao “academicismo” dos forasteiros gaúchos.

Segundo Elias, essas relações de poder e de sentimento de superioridade se expressam não apenas por questões materiais. Em geral, o grupo que se coloca numa posição de superioridade

atribuía a seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo do contato social não profissional com seus próprios membros; e o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social como fofoca elogiosa [praise gossip], no caso dos que observavam, e a ameaça de fofoca depreciativa [blame gossip] contra os suspeitos de transgressão. (ELIAS, 2000:20).

Não afirmamos, contudo, que essa relação tenha se dado em termos tão nevrálgicos de separação, como na análise de Elias de uma aldeia inglesa. Porém, não restam dúvidas de que o binômio estabelecidos/outsiders pode ser percebido no âmbito das relações sociais dos migrantes gaúchos com os elementos ditos “coxinenses” (pantaneiros ou nativos e nordestinos e descendentes).

Entretanto, na análise de Elias, os estabelecidos fincavam bases de poder na questão da *antiguidade*, em outras palavras, eram “os que chegaram primeiro ou sempre estiveram ali”. Em Coxim, essa relação se dá de forma invertida: imbuídos de valores simbólicos ditos superiores (academicismo, origem étnica, origem geográfica) “os de fora” se sentiam superiores e se colocaram nessa posição:

---

<sup>6</sup> M. K., Agrônomo, gaúcho, empresário e político em Coxim – MS. Entrevista 18/03/2009. Entrevistador: Cacildo Alves Nascimento. Coxim – MS: UFMS/CPCX

*Essas colônias ai, Paredes, São Romão, Cearense, Planalto eram de nordestinos e quando elas param de dar alguma coisa eles vieram todos para a cidade e ai surgiu o grilo. Em 1981 fiz muitos Proagro (seguro agrícola), pois nessas colônias tinham plantações de algodão, o algodão só em falar em frio ele já cai. Mas os gaúchos têm mais tradição agrícola e modernizou a agricultura e os nordestinos não; então essas colônias voltaram a ser fazendas novamente<sup>7</sup>.*

As respostas dos migrantes vão, em geral, ao encontro das assertivas de Elias, pois é possível notar sempre um tom de superioridade na fala dos entrevistados em relação ao migrante nordestino. Os atributos que os distinguem positivamente em suas auto-representação aparecem invariavelmente: poder econômico, formação acadêmica, origem sulina, etc.

É notório, a partir da citação de Elias e das entrevistas, como se dá a relação entre esses dois grupos na cidade de Coxim: os detentores de melhores condições econômicas e formação acadêmica se sobrepõem ao restante, e usa de generalizações para com o outro. Isso se dá, sobretudo no aspecto social, conforme podemos perceber, quando imputam – quase como algo inato – aos nordestinos o fato de não conseguirem cultivar a terra e virem a cidade formar as regiões periféricas, chamadas popularmente de grilos.

Nota-se que a percepção social estabelecida pelo grupo dominante se dá, sobretudo, a partir do contato profissional, pois os nordestinos não vivem no mesmo universo social do migrante gaúcho.

Essa relação “invertida”, que o próprio Elias nos autoriza, se baseia também em estruturas de coesão de grupo. A superioridade se solidifica através da coesão do grupo social, pois em Coxim o grupo social visivelmente mais coeso é dos gaúchos; esses têm um próprio código de relacionamento que se materializa no CTG (Centro de Tradições Gaúchas), onde se reúnem para cultivar os costumes e tradições do tradicionalismo, um centro de convivência cultural, e porque não, de manutenção de sua superioridade social.

É possível notar em Coxim, portanto, que tanto aqueles que aqui estavam antes dos gaúchos (maioria), quanto àqueles que chegaram à mesma época, vindos de outras regiões, não possuem o mesmo grau de coesão social do que os sulistas. Como o próprio

---

<sup>7</sup> M. K., Agrônomo, gaúcho, empresário e político em Coxim – MS. Entrevista 18/03/2009. Entrevistador: Cacildo Alves Nascimento. Coxim – MS: UFMS/CPCX.

Elias afirma, quanto maior o grau de coesão, mais tendência tem o grupo de se colocar em posição superior. (ELIAS, 2000:22)

Essa coesão do grupo social pode ser notada nas entrevistas, quanto tratamos do assunto do CTG. Sobre sua fundação:

*Surgiu da necessidade de se ter um local de encontro em Coxim, e em 1988 em uma reunião na Área de Lazer do 47 BI reuniram vários segmentos da sociedade e foi fundado o CTB (Centro Brasileiro de Tradições) que iria abranger toda a sociedade, porém no fim fundamos o CTG, devido aos interesses dos demais segmentos que não deram prosseguimento a proposta inicial<sup>8</sup>.*

Notamos então a coesão do grupo gaúcho, em face do desinteresse dos representantes de nordestinos e pantaneiros: se reuniram vários segmentos sociais para fundar um local de encontro em comum; não havendo interesse do todo e sim de uma parte, percebemos o fortalecimento da unidade de uma parcela em manter a proposta, só que agora privilegiando as origens e não mais do grupo macro.

Os estabelecidos que têm um estilo de vida em comum e que se conhecem a mais de duas gerações sentem

*[...] o afluxo de recém-chegados a seu bairro [...] como uma ameaça a seu estilo de vida já estabelecido, embora os recém-chegados fossem seus compatriotas. Para o grupo nuclear da parte antiga de Winston Parva, o sentimento do status de cada um e da inclusão na coletividade estava ligado à vida e às tradições comunitárias (ELIAS, 2000:25).*

Pode ser que os “nativos” ou nordestinos mais antigos tiveram essa reação no momento de fundação do “Centro de Tradições Brasileiras”, que nunca saiu do papel. Contudo o grupo mais coeso, mesmo geracionalmente, colocou-se na posição estabelecida em virtude de elementos identitários de natureza múltipla: origens, escolaridade, status e classe social, etc.

Os “estabelecidos”, ex-outsiders, em Coxim afirmam que “[...] o CTG se descaracterizou muito a partir da introdução de outras culturas, pois hoje já não se realiza os bailes sociais do CTG” (sic)<sup>9</sup>. Notamos a repulsa do grupo que se manteve

---

<sup>8</sup> M. K., Agrônomo, gaúcho, empresário e político em Coxim – MS. Entrevista 18/03/2009. Entrevistador: Cacildo Alves Nascimento. Coxim – MS: UFMS/CPCX.

<sup>9</sup> C. M., Gaúcho e comerciante em Coxim – MS. Entrevista 21/03/2009. Entrevistador: Cacildo Alves Nascimento. Coxim – MS: UFMS/CPCX.

coesos em aceitar a cultura do outro; no exemplo de Elias, a cidade de nome fictício, Winstom Parva, o grupo coeso e “moralmente superior” via a introdução do outro em seus espaços como elemento descaracterizador e ameaçador da própria sobrevivência da identidade.

Portanto, o migrante gaúcho tornou-se “estabelecido” através de sua coesão grupal e se sobrepôs aos demais segmentos da sociedade coxinense, mesmo sendo minoria; suas tradições são mais visíveis e a preservação de sua identidade foi mantida a partir do momento em que é configurado um ponto de encontro para o cultivo dos hábitos e tradições em comum.

*Estou aqui há 30 anos, sou cidadão coxinense, sou sul-mato-grossense agraciado com título, meus filhos nasceram aqui em Coxim, minha família está toda aqui os meus pais estão enterrados em Coxim, sinto perfeitamente integrado a região<sup>10</sup>.*

Ao entrevistar os migrantes gaúchos foi possível notar a sua identificação com o local, porém algumas ressalvas, já que os costumes e o meio social são diferentes, mas “o melhor local de se viver é o lugar que se ganha dinheiro, que cria seus filhos, onde se vive”<sup>11</sup>. O gaúcho aqui estabelecido que era o ex-outsiders, continua com a mentalidade de superioridade em relação aos demais, por mais que estejam integrados conforme eles mesmos dizem.

Nota-se que há um interesse muito grande do migrante gaúcho em se manter economicamente ativo, pois não são apegados ao local em sua maioria, pois o melhor local é aquele onde ele possa retirar o seu “sustento”, não há interesse desses migrantes retornarem ao Rio Grande do Sul, pois vão ao estado de origem somente a passeio.

O gaúcho é um migrante que carrega os valores culturais consigo e essa manifestação é vista através do CTG, que é.

*[...] antes de tudo uma ‘instância simbólica’ [...] que procura entregar ao indivíduo (seja migrante ou não) uma agremiação com as mesmas características do grupo local que ele perdeu ou teme perder: o pago. [...]. Na perspectiva do autor existe um poder simbólico que legitima a ‘integração fictícia da sociedade’ através de um arsenal ideológico produzido pelas classes dominantes ou hegemônicas. (ROCHA, 2006:80)*

---

<sup>10</sup> M. K., Agrônomo, gaúcho, empresário e político em Coxim – MS. Entrevista 18/03/2009. Entrevistador: Cacildo Alves Nascimento. Coxim – MS: UFMS/CPCX

<sup>11</sup> D. V., gaúcho e agropecuarista em Coxim – MS. Entrevista 21/03/2009. Entrevistador: Cacildo Alves Nascimento. Coxim – MS: UFMS/CPCX.

Esse símbolo para os gaúchos migrantes é muito forte, pois eles se unem através do CTG (Centro de Tradições Gaúchas) para matar a saudade, pois a criação de um local de convivência cultural facilita que os gaúchos se adaptem a qualquer região, pois independente do local ele não vai deixar de ser gaúcho, sobretudo na sua prática cultural; é faz deles um grupo coeso, pois podemos notar segundo Rocha que o

*[...] sentimento de pertencimento ao gauchismo está vinculado ao conhecimento e domínio da cultura gaúcha. Não apenas o fato de ter nascido no Rio Grande do Sul ou andar pilchado que torna um indivíduo 'gaúcho'. Nesse sentido acredito que ser gaúcho é um estado de espírito. (ROCHA, 2006:79).*

O gaúcho pode sentir integrado ao local que reside, porém pode nunca deixar de ser gaúcho, já que há uma manutenção muito forte da cultura através do CTG, e isso é visível na fala das pessoas que entrevistamos.

Os CTGs surgiram no Rio Grande do Sul, para preservar a tradição e os costumes. Pois o é um local onde se aprende a respeitar os mais velhos, a dançar é um centro de convivência cultural. (...) foi um movimento cultural contra a revolução americana e o objetivo era resgatar os costumes gaúchos quem cultuava essa cultura eram os grossos, e o gaúcho em contra posição a cultura de massificação norte americana resgata os costumes e a cultura gaúcha através dos CTGs, e a partir de 1970 surgem a gurizada, uma nova geração que continua com esses objetivos<sup>12</sup>.

Então através das análises das entrevistas podemos buscar o entendimento de que a identidade gaúcha influenciou muito mais a identidade local, pois apresenta uma organização grupal muito forte para a manutenção da mesma que podemos fazer um paralelo com Elias que é a tentativa de evitar os demais grupos sociais:

*[...] o contato mais íntimo com eles, portanto, é sentido como desagradável. Eles põem em risco as defesas profundamente arraigadas do grupo estabelecido o desrespeito às normas e tabus coletivos, de cuja observância depende o status de cada um dos seus semelhantes no grupo estabelecido e seu respeito, seu orgulho e sua identidade como membro do grupo superior. Entre os já estabelecidos, cerrar fileiras certamente tem a função social de preservar a superioridade de poder do grupo. Ao mesmo tempo, a evitação de qualquer contato social mais estreito com os membros do grupo outsider tem todas as características emocionais do que, num outro contexto, aprendeu-se a chamar de 'medo de poluição'. (ELIAS, 2000:26)*

---

<sup>12</sup> M. K., Agrônomo, gaúcho, empresário e político em Coxim – MS. Entrevista 18/03/2009. Entrevistador: Cacildo Alves Nascimento. Coxim – MS: UFMS/CPCX

Essas situações podem notar quando perguntado sobre as atividades do CTG “(...) o CTG descaracterizou muito a partir da introdução de outras culturas”<sup>13</sup>.

Os gaúchos conseguiram influenciar tanto a sociedade sul-mato-grossense quanto coxinenses e os reflexos são sentidos na economia e política do estado de Mato Grosso do Sul e no município de Coxim, pois os gaúchos conseguiram impor o seu jeito a sociedade coxinense que tomou postos políticos de famílias tradicionais.

Quando analisamos as entrevistas nas entre linhas é possível perceber que o migrante gaúcho é o ator que promoveu grandes mudanças no município de Coxim, pois eles mesmos dizem “Coxim era isolado não tinha telefone TV, a cidade era sem planejamento, não tinha energia, tinha muita erosão, essa Avenida Virginia Ferreira era erosão em toda ela”<sup>14</sup>.

Por conseguinte, ao final dessa discussão é bem visível que houve uma “inversão” na questão estabelecidos e outsiders em Coxim, o gaúcho passou ser o grupo dominante, apesar de ser minoria, mas manteve o que Elias afirma, a coesão de grupo, isso também fez com que permanecesse a sua identidade, mesmo longe de seu espaço geográfico natural, pois houve a manutenção de elementos culturais diferenciadores.

Buscando entender como se configurou o processo de identidade no Município de Coxim a partir do processo migratório, foi preciso reportar aos elementos que se estabeleceram nas estruturas nacionais do Brasil Contemporâneo, e como foi fixado o processo de ocupação das fronteiras brasileiras; foi necessário compreender como o Estado nação atuou sobre a questão territorial do país, sobretudo as questões fronteiriças e a expansão capitalista.

Foi necessária a análise da política de ocupação e povoamento que se fizeram presente na formação territorial e identitária do Centro-Oeste brasileiro.

Os estudos sobre os fluxos migratórios na história recente do país apresentam um quadro social e político que permite melhor o entendimento sobre a identidade a partir do processo migratório.

---

<sup>13</sup> C. M., Gaúcho e comerciante em Coxim – MS. Entrevista 21/03/2009. Entrevistador: Cacildo Alves Nascimento. Coxim – MS: UFMS/CPCX.

<sup>14</sup> M. K., Agrônomo, gaúcho, empresário e político em Coxim – MS. Entrevista 18/03/2009. Entrevistador: Cacildo Alves Nascimento. Coxim – MS: UFMS/CPCX

Então foi possível uma discussão a partir do ponto de vista sociológico de identidade. Na análise sobre os migrantes gaúchos ficou bem claro que a despeito da mobilidade geográfica, esses indivíduos não deixaram suas práticas de diferenciação identitárias; entre eles há uma manutenção cultural, sobretudo através dos CTGs, que sustenta uma unidade grupal, mesmo longe de seu espaço geográfico de origem.

A cidade de Coxim apresenta um grande número de migrantes, entre eles, os gaúchos e nordestinos são os que mais se destacam. Os gaúchos representam apenas 2% da população coxinense, mas formam um grupo que tem muita força política, econômica e cultural dentro da sociedade coxinense.

Portanto, acreditamos que esse trabalho busca atingir o seu objeto inicial: conhecer a identidade da população através do processo migratório e conhecer as transformações sociais e identitárias ocorridas ao longo do tempo analisado, e também com esses migrantes se relacionam com os demais grupos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Silvana. Ocupação, Racionalização e Consolidação do Centro-oeste brasileiro: O Espaço Mato-grossense e a Integração Nacional. In\_: MARIN, Jérri Roberto e VASCONCELOS, Cláudio Alves de. História, Região e Identidade. Campo Grande, Editora UFMS. 2003.

CASTRO, S. Pereira e outros. A colonização Oficial em Mato Grosso: “a nata e a borra da sociedade”. Cuiabá: EdUFMT. 1994.

ELIAS, Norbert. Os Estabelecidos e os Outsiders. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

HALL, S. Identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

ROCHA, Betty Nogueira. Em qualquer chão: sempre gaúcho: a multiterritorialidade do migrante “gaúcho” no Mato Grosso. 2006. 160 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2006.

RODRIGUES, J. Barbosa. História de Mato Grosso do Sul. São Paulo. Editora do Escritor. 1985

VASCONCELOS, Cláudio Alves de. A colonização dirigida e imigração japonesa: elementos constitutivos da identidade sul-mato-grossense. In \_ : MARIN, Jérri Roberto e

VASCONCELOS, Cláudio Alves de. História, Região e Identidade. Campo Grande, Editora UFMS. 2003

WEINGARTNER, Alisoete Antonia dos Santos. São Gabriel do Oeste: memória e imagens de uma história. Campo Grande Midiograf. 2005.